

5. Ficha-resumo final – Digite sua senha.

Mudam os papéis de professores e alunos. Os alunos, que antes se limitavam a ouvir e tomar notas, passam a ensinar a si mesmos, com a orientação dos professores. Por isso a real necessidade de usar ferramentas que os ajudem a aprender. O papel do aluno passa a ser de pesquisador, de usuário especializado em tecnologia. O professor passa a ter papel de guia e de “treinador”. Ele estabelece metas para os alunos e os questiona, garantindo o rigor e a qualidade da produção da classe. (Marc Prensky, 2010)



Figura 62: Capa da Revista Época, 19 de junho de 2011.

Quando a presente pesquisa foi iniciada, em dezembro de 2008, 43,1 milhões de pessoas acessavam a Internet no Brasil. Os jovens acima de dezesseis anos navegavam por mais de duas mil páginas mensalmente, 56% mais que um adulto. E ficavam conectados, em média, 22 horas por mês. Esta pesquisa é do Ibope/NetRatings e se refere ao terceiro trimestre de 2008¹⁶.

¹⁶Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u490856.shtml>

Hoje, em 2011, quando relatamos nosso trabalho, os dados levantados parecem já estar defasados pela inexorável velocidade das Novas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (NTDIC's). Ela faz com que a renovação dos saberes seja demasiadamente célere até para os nativos digitais. “Pela primeira vez na história da humanidade, a maioria das competências adquiridas por uma pessoa no início de seu percurso profissional estarão obsoletas no fim de sua carreira.”¹⁷.

Aliás, a presente pesquisa-ação já estava formatada quando a revista *Época*, edição de 19 de junho de 2011, publicou uma reportagem de capa questionando se o uso das NTDICs seria capaz de fazer os alunos aprenderem mais. Decidi inserir estas novas informações por considerá-las relevantes para o trabalho. Segundo a matéria, a resposta é sim: eles aprendem mais e melhor. Para provar, a revista relata duas recentes pesquisas realizadas no Brasil sobre o assunto e descreve algumas experiências internacionais de ensino-aprendizado com o uso das NTDICs. A conclusão das pesquisas é positiva. Porém, com uma ressalva importante: “o sucesso depende de como as tecnologias são usadas. Não adianta trocar o caderno por *notebook* ou *tablet* sem ter estratégias e conteúdo para usá-las”.

A pergunta é como usar a tecnologia de um jeito diferente. A Inglaterra criou um departamento só para pesquisar e avaliar o uso inovador da tecnologia em sala de aula. Na Coreia do Sul, o Governo percebeu que, sem um conteúdo curricular fortemente relacionado à tecnologia, ela teria pouco efeito. Começou a produzir novos materiais didáticos para os computadores. *‘Ainda tendemos a conceber o papel da tecnologia com algo a que basta o aluno ter acesso que as coisas vão melhorar. Essa era a ideia há 30 anos, mas agora sabemos que também é preciso ter boas práticas de ensino’*, afirma o americano Mark Weston, estrategista educacional da fábrica de computadores Dell. (*Época*, p.82-83)

Ainda na reportagem, Paulo Blikstein, professor da Escola de Educação da Universidade de Stanford (U.S.A.), afirma que o aluno precisa aprender a usar o conhecimento para criar. Segundo ele:

A vocação da tecnologia é ajudar no ensino por projetos. Essa estratégia parte dos conteúdos do currículo tradicional (...) para desafiar os alunos a efetuar tarefas criativas, como fazer um filme. E essas habilidades dificilmente são ensinadas nas aulas tradicionais. (p.84)

¹⁷LÉVY, Pierre. *Cibercultura* (trad. Carlos Irineu da Costa). S P: Ed. 34, 1999, p.157.

Outro exemplo contundente é o de uma escola pública de Nova York, a Quest to Learn, criada pela designer de games Katie Salen.

Os alunos aprendem o conteúdo curricular criando e jogando videogames. Em funcionamento há um ano e meio, a escola foi moldada sob conceitos muito diferentes: os alunos não passam de ano, mas de fase – como nos jogos – e não ganham notas, mas classificações de acordo com a suas habilidades. ‘Acreditamos que aprender a programar e a lidar com mídias são habilidades centrais para que os jovens se expressem e sejam competitivos ao entrar na universidade e no mercado de trabalho’, diz Katie. (p.85)

Estas notícias parecem corroborar a nossa pesquisa. Voltemos a ela. No primeiro semestre letivo de 2010, vinte e nove jovens universitários dividiram comigo sessenta horas de nossas vidas em aproximadamente quatro meses.

Nossos encontros foram realizados na PUC-Rio em dois espaços físicos bem distintos. O primeiro, uma sala de aula tradicional, com carteiras enfileiradas de frente para um “quadro-negro” com uma tela de vídeo reversível no meio. A mesa dos professores está situada no canto, ao lado da janela, de frente para as carteiras e junto de um armário de apoio onde estão disponíveis equipamentos de áudio e vídeo. Um ambiente clássico de ensino-aprendizagem com apêndices de contemporaneidade.

O segundo espaço físico, um laboratório de produção de texto. Na verdade, uma sala padrão equipada com dezenove computadores em rede e acesso à internet. Os monitores estão pousados numa bancada de madeira que circunda as paredes da sala. Cadeiras ergonômicas básicas abrigam os aprendizes-usuários e o professor-usuário, que ficam sentados um ao lado do outro, todos de frente para as suas respectivas telas de trabalho. Um ambiente muito parecido com uma “lan-house” típica com bastante espaço de circulação no meio da sala.

Mas a diferença entre os dois espaços não se deve apenas a propriedades físicas e topológicas. São também qualidades de processos sociais que se opõem. As instituições territoriais são hierárquicas e rígidas, enquanto as práticas dos cibernautas têm tendência a privilegiar os modos transversais de relação e a fluidez das estruturas. (Lévy,1995)

Nestes espaços, duas vezes por semana, durante cerca de cento e vinte minutos cada aula, tive a missão de ser o regente de uma disciplina de Comunicação Social para universitários do terceiro período do ciclo básico: Técnicas de Comunicação II. Para realizar esta missão, contei com a

interdisciplinaridade do Departamento de Comunicação Social da instituição que dá aos professores total liberdade de escolher estratégias de ensino-aprendizagem que sigam a ementa da disciplina: *“Técnicas de produção de texto para publicidade e cinema. Laboratório de produção”*.

Insatisfeito com os resultados que obtive anteriormente através dos processos tradicionais de transmissão do conhecimento (segundas, teoria; quartas, prática), iniciei estudos e pesquisas exploratórias sobre a utilização de NTDICs em sala de aula. Ao mesmo tempo, aceitei participar, como professor colaborador, na disciplina DSG 1003 – projeto básico de desenvolvimento da graduação em Artes & Design da PUC-Rio.

Esta proximidade revelou a clareza e a precisão do pensamento projetual do Design como “processo de pensamento que compreende a criação de alguma coisa”, segundo Miller (1988). E, conforme relatei nos capítulos anteriores, iluminou minha direção ao mestrado com algumas ideias de pesquisadores eméritos, entre as quais; “A teoria do projeto pode ser aplicada a qualquer área da experiência humana”. Buchanan (1992)

Com a experiência conquistada como diretor de criação em trinta e nove anos de atuação no mercado (eu já era designer e não sabia) e com o aprendizado prático adquirido desde 2007 nas oficinas de projeto básico em Artes & Design, identifiquei uma oportunidade de pesquisa de Design: entendendo professores como designers cognitivos, de que formas eles projetam e dinamizam processos interativos vinculados às NTDICs para/com seus alunos-usuários em ambientes de ensino-aprendizagem presenciais e virtuais, concomitantemente?

O levantamento de dados inicial indicou carência de projetos desta natureza. O Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio havia atualizado a sua grade curricular em 2008 e já oferecia práticas de convergência midiáticas aos universitários de jornalismo, publicidade e cinema, em respectivos laboratórios montados e equipados para esta finalidade.

De um lado, os alunos que já estavam em sala de aula eram nativos das NTDCIs; de outro, a maioria do corpo docente tinha sido criada pela cultura do impresso, do falar e do ditar, do cuspe e do giz e tentava usar suportes multimídias

para dialogar com seus aprendizes. Entretanto, os conteúdos e a tônica de suas didáticas continuavam lineares, criando *gaps* e abismos comunicativos com seus alunos.

Diante da necessidade de criar pontes dialógicas com os estudantes, encontrei, no Design, “um método facilitador, motivador, desenvolvedor de habilidades, construtor de conhecimento e, principalmente, formador de indivíduos críticos, participativos e conscientes.” (Fontoura, 2002)

Segundo essa proposta, o *modus operandi* do design, sua interdisciplinaridade, seu papel como formador da cultura material, seus fundamentos e suas relações com a arte, ciência e tecnologia são meios eficazes de auxiliar na formação integral de crianças e jovens. (Fontoura, 2002)

E descobri, no *blogger*, um espaço de aproximação, troca, construção, colaboração e diálogo. Um espaço interativo capaz de permitir que eu assumisse as funções de designer cognitivo de alunos matriculados na disciplina.

Neste sentido, nos aponta Gutierrez (2005, pág.5):

Os *weblogs* vêm se transformando em importantes repositórios de informações, em verdadeiros filtros que avaliam, interpretam e indexam estas informações. Os *weblogs* são ambientes de construção cooperativa do conhecimento, da criação de comunidades de pesquisadores e, também, uma alternativa a mídia tradicional, uma possibilidade de voz autônoma no ciberespaço.

Assim, nasceu, em 2007, o projeto *professortexto.blog*, uma interface de mediação do conhecimento que integra uma metodologia que interage aluno e educador, real e virtualmente, tecendo dinâmicas projetuais em sala de aula, com postagens no *blog* e nos correios eletrônicos criados para as turmas.. Os assuntos postados são multidisciplinares, desenham as aulas presenciais e estimulam a pesquisa sobre os temas. Os exercícios em classe treinam as possibilidades da tessitura do verbo. Os comentários obrigatórios no *blog* exercitam a argumentação e afinam o olhar para os textos da vida. Tudo significa.

Diante disso, inspirado na ação projetual do Design, desenhei um novo plano de aula, palco desta pesquisa. Dividi o curso em duas partes, cada uma com a duração de um bimestre. Na primeira, chamada de “Projetos Interiores”, o programa passou a contemplar a leitura do mundo, o marketing pessoal, o discurso próprio e a fala pública. Na segunda parte da jornada, o programa seria dedicado aos “Projetos Exteriores”. Nesta etapa, os alunos formariam grupos de

trabalho de, no máximo, três pessoas. A missão: o desenvolvimento de Projetos de Comunicação Social – Ideias positivas para um mundo melhor – de acordo com um cronograma pré-estabelecido para quinze 15 encontros presenciais.

Para o desenvolvimento da pesquisa, adotei uma abordagem qualitativa que se desdobrou como pesquisa-ação por meio do processo de observação participante, interagindo nas dinâmicas de ensino-aprendizagem com os alunos como agentes de mudanças e registrando as experiências *on line* no *professortexto.blog*, interface mediadora criada para o curso.

A pesquisa desdobrou-se em quatro momentos. No primeiro, realizei uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, onde o tema central a ser estudado foi definido com maior precisão. Com esse procedimento, pude estabelecer meu referencial teórico e bibliografia de apoio.

No segundo momento, realizei uma pesquisa exploratória de ambientes interativos de ensino-aprendizagem vinculados às NTDICs. No terceiro momento, realizei pesquisa-ação participante com três turmas de Técnicas de Comunicação II (COM 1251) da PUC-Rio, durante o período de março a junho de 2010. Neste último momento, agora, pretendo realizar a interpretação e a análise do material levantado anteriormente.

Até a presente data, o *professortexto.blog* está com cerca de dez mil visitas/mês, mais de mil e cem postagens e mais de dez mil comentários publicados. Considerando-se que o portal é apenas uma interface entre o pesquisador e seus, hoje, quarenta e cinco aprendizes semestrais, constata-se que o interesse pelo *professortexto.blog* transpassou as salas de aula e a sazonalidade do curso.

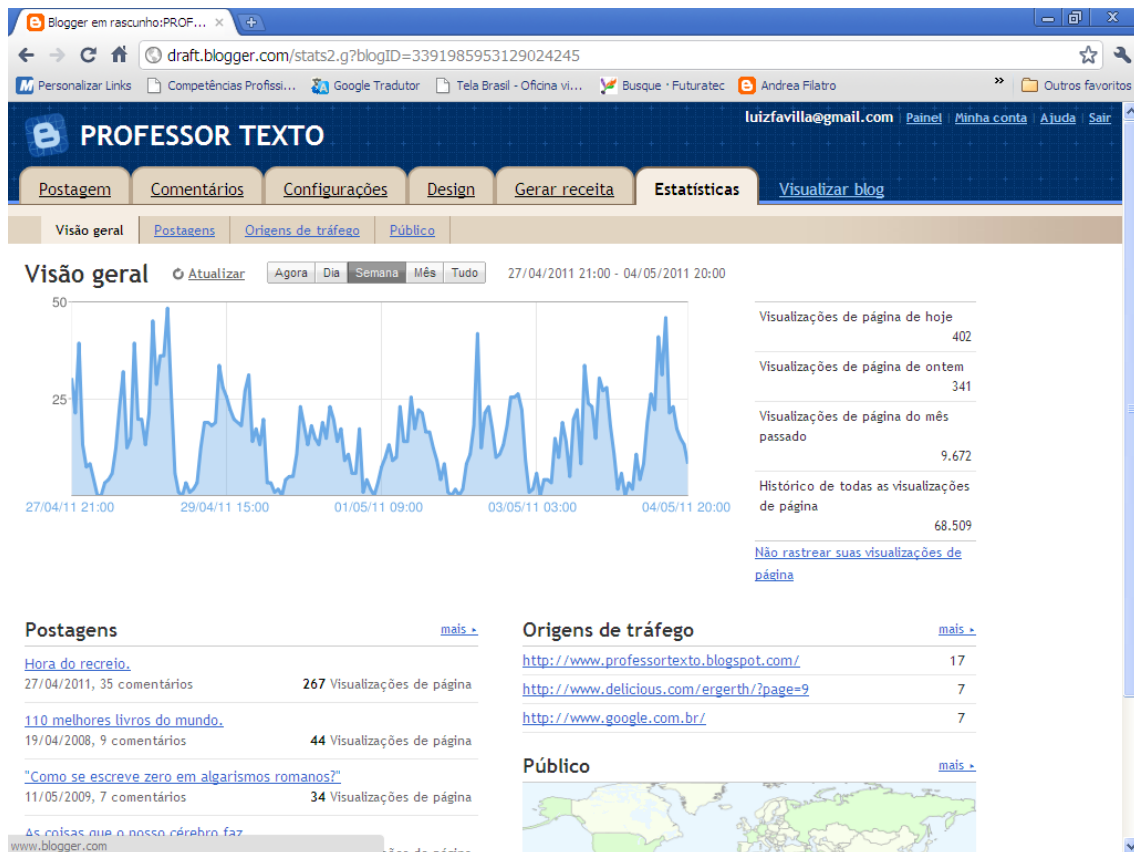


Figura 63: estatísticas de visitação do blog; em média 400 pessoas por dia.

A hipótese formulada confirmou-se positiva. Professores usuários de NTDICs são designers cognitivos que projetam processos interativos de ensino-aprendizagem para/com seus alunos-usuários. Eu que o diga. Além de professor, assumi o papel de designer cognitivo dos meus alunos. E, como tal, passei a pesquisar e projetar postagens no *professortexto.blog* sobre assuntos que falassem diretamente com eles, partejando seus olhares, provocando reflexões virtuais e presenciais e multiplicando informações capazes de iluminar suas leituras do mundo em direção às profissões que escolheram exercer.

As sessenta horas regulamentares do curso ficaram pequenas para a tarefa que me comprometi realizar. Essa carga horária extra não é remunerada e exige pesquisa diária e constante na internet em busca de assuntos do interesse do grupo. Desde 1984 a navegar pelo ciberespaço, tenho experiência em pilotar NTDICs, conhecendo atalhos importantes. E recebo ajuda valiosa de centenas de ex-alunos que seguem o *blog*. Mesmo assim, cada postagem é um verdadeiro projeto de design; descobrir uma oportunidade cognitiva, pesquisar sobre o assunto, definir um tema, experimentar recortes de textos verbais e imagéticos que

sintetizem o objetivo proposto e, de forma harmônica e encantadora, transformar toda essa informação numa postagem que os faça refletir.

Ama-se na medida em que se busca comunicação, integração a partir da comunicação com os demais. Não há educação sem amor, o amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita. Não há educação do medo. Não pode temer da educação quando se ama. (Freire,1984:36)

Antes de adotar a gestão do Design, minhas aulas eram corretas, mas exigiam um esforço maior para despertar o interesse dos alunos. Dinamizava o grupo de discussão com mensagens via ímeio na esperança de manter o interesse das turmas. Porém, com a chegada do Orkut, do SMS, do twitter e do facebook, o uso do ímeio ficou em segundo plano para os jovens estudantes. Em 2010.2 e 2011.1, o *professortexto.blog* foi incorporado às páginas do facebook. Assim, a rede se mantém mesmo após o término do curso.

Orientando interesses, colaborando com as iniciativas encontradas, cooperando habilidades redistribuídas em novas salas de aula como professor/designer cognitivo, tornei-me um gerenciador de projetos que educa sendo educado, na reciprocidade da aprendizagem em grupo.

A colaboração entre os pares ajuda a desenvolver estratégias e habilidades gerais de solução de problemas pelo processo cognitivo implícito na interação e na comunicação. (Vigotski,1987, p.17)

A ideia do currículo como uma rede hipertextual norteia o ensino contemporâneo. As novas salas de aula já estão a ser redesenhadas a partir destes pressupostos, entendidas até o ponto limite de não ficarem mais restritas aos espaços da escola. O ensino-aprendizagem poderá ocorrer nas famílias, comunidades, centros de trabalho e de lazer. Onde houver uma tela com acesso a banda larga haverá um ambiente de aprendizagem.

O hipertexto é uma espécie de materialização de uma rede associativa mental. A sua existência e a sua difusão como tecnologia e metáfora dos processos comunicacionais e cognitivos de nosso tempo interrogam a sala de aula, dizendo-lhe que a forma de educar hoje, mais do que nunca, é por meio de um diálogo ao qual os envolvidos possam reassumir como protagonistas. O hipertexto vem criar condições de possibilidade para tornar as salas de aula o espaço de todas as falas, de redes de conhecimentos, da construção coletiva, da partilha das interpretações. (Ramal, 2001)

Do ponto de vista do Design as NTDICs trazem possibilidades de novas abordagens projetuais de ambientes educacionais eletrônicos e presenciais. Por exemplo: os recursos de transmissão de imagens em tempo real que o facebook incorporou da ferramenta Skype, e a nova interface de intercomunicação lançada pelo Google (*google +*) são oportunidades para designers projetarem novas aventuras prazerosas e motivadoras (Portugal, 2009) para alunos e professores usuários das NTDICs. Fica a sugestão do desdobramento da presente pesquisa.

A experiência *professortexto.blog* é apenas uma das possíveis interfaces dialógicas com os alunos da geração digital. Espero que os resultados positivos relatados incentivem outros professores a criarem práticas não institucionalizadas de ensino-aprendizagem vinculadas às NTDICs. Novos ambientes onde o aluno-usuário é instigado e estimulado a buscar conteúdos, a explorar as atividades e tarefas “não só por seu interesse e objetivos acadêmicos, mas pelo envolvimento multiparticipativo em um ambiente projetado visualmente, em seus aspectos gráficos e de navegação, que integrem o sentido do texto” (Farbiarz, 2001)

As mudanças não são apenas tecnológicas, pós-humanas ou pós-modernas. A “new wave” se aproximou de nós que estamos ainda inseridos em vastos modelos de ensino tradicional. Uma onda que esta juventude que navega na Internet já nos convida a surfar. Eles talvez tenham mesmo mais a nos dizer e ensinar do que pretensamente possamos supor.

A interatividade tão explorada em nossas teorias de aprendizagem mais respeitadas – Vigotsky (1989) e Freire (2002), que viam a aprendizagem como uma condição não individual, mas socialmente construída – tem, com as NTDICs, uma prática espontânea com resultados surpreendentes por sua positividade. A velocidade com que comunicam suas descobertas, os diversos *links* que fazem interconectando o real com o virtual se apresentam para nós disponíveis na medida em que estejamos dispostos a aprender. Esta é a senha de acesso a um mundo totalmente novo, não apenas tecnológico, mas demasiadamente humano, intenso e pulsional.

Mas e os alunos-participantes, o que disseram sobre a experiência? Segundo Franco (2005), “é fundamental que, após um trabalho de pesquisa-ação, os sujeitos participantes tenham aprendido comportamentos e atitudes no sentido de

incorporarem a reflexão cotidiana, como atividade inerente ao exercício de suas práticas”. Transcrevo abaixo um grifo de alguns dos vinte e nove comentários de avaliação do curso após sua conclusão. Com a palavra, os meus queridos leitores do mundo:

- Eu toco flauta transversal desde os 11 anos. No começo, eu aprendi como segurar o instrumento, onde cada nota fica e com qual pressão soprar. Nunca podia sair da partitura. Eu era sempre acompanhada por um metrônomo, que ditava a duração de cada nota e cada pausa. Tocava escalas e quando terminava, tocava-as de novo, até todos os movimentos ficarem automáticos e até o metrônomo soar em minha cabeça.

Isso foi Técnicas I.

Depois minha professora tirou o metrônomo e a partitura. Falou: “toque como quiser. Se sentir que uma nota precisa de vibrato, ponha vibrato. Se sentir que a nota deve ser menor e a pausa, maior, faça isso. A única coisa que peço, é que toque algo belo.”

Isso foi Técnicas II.

No começo não foi fácil. Ainda escutava o metrônomo e ainda via a partitura, me dizendo o que fazer e como fazer, me prendendo. Admito que mais de uma vez me irritei: era muito mais fácil seguir o que me foi ensinado ao pé da letra.

Mas aos poucos, eu fui me soltando.

Foi aí que eu senti o prazer que é tocar música. (E)

- Aprendi que pode existir uma relação legal entre aluno e professor, aprendi que aulas interativas, quando bem dadas, pendem a minha atenção. Eu confesso, sou preguiçosa, mas os seus desafios me despertavam, me interessavam. Com você como o meu “personal designer cognitivo” aprendi a ver as coisas de um maneira diferente, não só do meu jeito mais. Comecei a pensar fora da caixinha. Eu cresci. A princípio, eu odiava o blog, achava chato comentar. Mas depois, comecei a gostar dos posts, das matérias. Eram textos, vídeos, que me tocavam, que começaram a chamar a minha atenção. Olha que poucas coisas conseguem isso. Eram textos, que eu lia e relia, e achava simplesmente um máximo. Era como se alguém pegasse o que eu estava sentindo e posto no papel. Acho que por isso que essa parceria entre mim e o blog deu certo, tudo girava em torno da emoção, do encantamento!(A)

- O blog é uma estratégia brilhante. Primeiro, porque serve como extensão das aulas; é como se fosse um polvo cheio de braços. Cada assunto se ramifica em outros e por aí vai. E segundo, porque está no lugar onde estamos. Está na internet. Minha geração nasceu conectada. Tudo está a um clique de distância. O que torna os assuntos muitos mais interessantes. (F)

- Definitivamente, após esse curso passei a enxergar a universidade com outro olhar, não só um lugar de acumulo de informações de aulas teóricas ou práticas, mas um lugar de troca entre diferentes pessoas. O blog foi um dos responsáveis

para essa minha nova visão. Um momento em que tenho que parar para escrever minha análise e ler a dos outros. Se ele me acrescentou? MUITO! Posso não ter comentado tanto, por preguiça confesso, mas me sentia nova toda vez que o acessava me sentia atualizada. Tudo era novo, impressionante e essa sensação de encontro ao diferente é inspiradora! (L)

- Coloquei todas as maluquices que passavam na minha cabeça nos seus exercícios, e o melhor, você gostou, acreditou em mim, entendeu aquilo tudo, e isso me deu mais gás, me deu confiança. Posso dizer que fiz todos os seus trabalhos com gosto, com prazer e buscando dar o meu melhor. (B)

- Aprendi, sobretudo, a mostrar muito mais minha opinião sobre pequenas e grandes coisas. Com a obrigatoriedade dos comentários no blog, eu passei a escrever mais, mesmo sobre aquilo que talvez não me interessasse tanto. No final, passei a comentar em muitos posts, porque simplesmente tinha vontade de postar algum comentário mesmo que aquilo nem fosse de meu interesse. Aprendi a me expressar mais, mostrar mais o que eu penso. (I)

- A minha opinião é que o blog está totalmente ligado ao processo das aulas. Os comentários são, sempre, um caminho de criatividade, estamos sempre escrevendo e, melhor, colocando nossa opinião, sobre coisas completamente diferentes. O blog completa a aula, dá um toque que faz com que o ambiente da sala se prolongue até a nossa casa, de uma forma muito boa. (IR)

À medida que fui instigado a traduzir em texto meus próprios anseios e dúvidas, de fato foi possível perceber como me faltava uma ajuda para ver beleza e criatividade nas minhas produções. Além disso, foi-me revelada uma nova maneira de pensar a realidade, sob outro prisma. Ao escapar aos padrões e à mesmice, pude reinterpretar fatos e refazer opiniões. As dinâmicas em sala de aula também foram outro ponto alto do curso. As atividades em grupo permitiram uma análise conjunta do processo de criação e uma perda progressiva da timidez. Por fim, no somatório dessas lições, penso ter realizado, acima de tudo, um exercício de autoconhecimento. (R)

- O alto nível dos posts forneceu boas ideias de pauta, não somente para outras atividades, mas para a vida em si. Isso porque o blog se traduziu num repositório de contribuições inspiradoras do maior interesse, exemplificando a prática e a identificação do que é chamado de “texto” em todas as suas formas. Em suma, tanto pelos posts, quanto pelos comentários, o blog cumpriu e, torço assim, vai continuar cumprindo sua missão: construir coletivamente um espaço de maior envolvimento da turma, aberto à efetiva troca de conhecimento, ao diálogo e ao encontro. (RB)

- Meu querido designer cognitivo (chique, né?) : Do curso: aprendi a não ter preguiça mental e explorar todas as minhas possibilidades. Se quero ser

comunicadora, acho que meu dever é contornar a mesmice que a gente encontra no mundo e oferecer ao meu público algo que ao mesmo tempo ele queira e ele precise, ao mesmo tempo que o estimule a pensar e, porque não, ser encantado. Acho que essa é a lição que eu levo para os próximos 4 anos de faculdade e 54541544 anos de profissão. Do blog: é uma iniciativa ótima, e descobri opiniões e visões criativas e maduras em muitos colegas. É muito bom saber que esse é o clima da minha formação aqui na PUC. Também foi bastante estimulante - e divertido. (CB)

- Essa ideia de designer cognitivo funciona. Graças a ele(você) eu tive a primeira oportunidade dentro do espaço acadêmico de refletir sobre o meu lugar dentro do meu curso, sobre o que eu desejo profissionalmente. De certo, não cheguei a nenhuma decisão, ou até certeza sobre o que sou e quero aqui, mas passei a me perceber melhor e ver que preciso me focar bastante, me entregar bem mais do que me possibilito entregar. (L)

- Obrigada por nos mostrar que ir à faculdade, sentar-se em uma cadeira e ficar ouvindo o professor falar por 2 horas e sair de lá com a cabeça vazia, nunca vai superar a experiência de entrar em uma sala de aula e ouvir uma frase que em cinco minutos mudará sua vida para sempre. (P)

- A metodologia dos professores sempre está passível de mudanças, mas o professor nunca deixará de ser uma figura central na construção de conhecimentos. "Designer cognitivo" remete apropriadamente ao método de ensino que tende a ser o de maior eficácia: a interação entre o aluno e professor como um esforço comum para a formulação de reflexões e pensamentos. O professor, então, deve preparar o ambiente propício para que o aluno, por conta própria, consiga desenvolver raciocínios.

É provável que aluno não consiga construir conhecimento sem a ajuda do professor, mas o importante a destacar é que o professor, por mais carismático que seja, não pode transmitir ideias sem que o aluno permita. Ou seja, o aluno precisa forçosamente querer aprender. Se o professor precisa ter clareza na transmissão de conteúdos, o aluno tem de saber a ouvir.

De modo análogo ao crescimento de uma árvore em que o jardineiro prepara o terreno fértil, mas quem empreende o desenvolvimento de fato é o metabolismo da planta, o professor fornece as etapas básicas para o aluno, sozinho, ter a oportunidade de compreender os fatos e construir conhecimentos.

Ao designer cognitivo cabe provocar o pensamento dos alunos de modo que eles possam exercer todos os seus potenciais; suas vocações plenas. E nada parece ser mais eficiente que o desafio para impulsionar a inovação e a superação. (G)



Figura 63: postagem de fim de curso.

Para encerrar, transcrevo a última mensagem que enviei aos alunos, após analisar seus trabalhos e participações no curso:

Pessoas queridas:

Vi asas nos projetos que vocês desenvolveram.

Sinal de bons ventos se quiserem voar mais alto.

Vi consciência, previsibilidade, motivação, envolvimento,

performance, capacidade de articular conhecimento,

comunicar-se e estabelecer relações.

Fiquei muito orgulhoso.

Vocês são leitores do mundo.

Não esqueçam: tudo é texto, depende do olhar.

Mantenhm o foco afinado e sejam autores de suas histórias.

Foi um prazer fazer parte da vida de todos.

Cuidem-se. Sempre. Muito.

ENVIADO PELO PROFESSOR DA DISCIPLINA COM1251

P.S. – A experiência *professortexto.blog* transpassou os limites desta pesquisa e foi incorporada às práticas pedagógicas do pesquisador. A interface continua a ser utilizada como ferramenta de ensino-aprendizagem com/para os alunos de Comunicação Social matriculados na disciplina Técnicas de Comunicação Social 2 da PUC-Rio.

Sou professor universitário há apenas quatro anos. Precisei de mais de meio século para realizar o sonho de me transformar em educador. Durante todo este tempo fui um profissional de comunicação bem sucedido em um mercado onde encantar o leitor é questão de sobrevivência. Vejo meus alunos como usuários interessados, ou não, nos conteúdos que tenho para oferecer. E como Paulo Freire, “Faço questão enorme de ser um do meu tempo e não um homem exilado dele”. Por isso mesmo, mantenho-me “antenado” com as NTDIC e com as oportunidades que elas oferecem ao Design em situação de ensino-aprendizagem.

Criar pontes dialógicas sempre foi minha especialidade por cerca de quarenta anos. Este exercício ensinou-me que a criação não tem ponto final. Ainda mais em tempos de hipertextos. Por ser uma obra aberta e em contínuo desenvolvimento a experiência *professortexto.blog* não tem caráter conclusivo e poderá ser reinventada por cada leitor-autor interessado no tema. Tudo é texto, depende do olhar.